



Arquivo pessoal

Sérgio Romualdo Lima Brandim

Mestre em História do Brasil (UFPI). É professor da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e da Faculdade Santo Agostinho (FSA). Pesquisador na área de História, Cultura, Antropologia e Religião. Desenvolve atividades acadêmicas na área de metodologia e projetos de pesquisa monográficos.

RELIGIOSIDADE E CIDADE: O SANTUÁRIO DE SANTA CRUZ DOS MILAGRES-PI

O Brasil é um país oficialmente católico, contudo vem apresentando continuamente uma diminuição desta população para religiões neopentecostais, religiões afro ou de procedência oriental. Apesar desta diminuição, o Estado do Piauí ainda possui, aproximadamente, 91,3% de sua população que declaram ser católicos.

Dentro desse espaço de forte característica religiosa, as expressões de fé se apresentam e expõem aos olhos de seus habitantes, sendo que as festas de padroeiros ou padroeiras marcam significativamente o calendário festivo das cidades piauienses. Dessa forma, as romarias, oferendas de ex-votos, pagamento de promessas, novenas, etc., tornam-se práticas recorrentes ao povo na demonstração de sua religiosidade.

A influência religiosa e suas práticas devocionais observadas na cidade de Santa Cruz dos Milagres, único santuário reconhecido pelo Vaticano para peregrinação no Piauí, já extrapolaram as fronteiras, e sua importância atualmente é percebida pela quantidade considerável de romeiros que para lá se dirigem, mesmo

tendo como obstáculos os percalços geográficos e físicos que se impõem aos romeiros de vários estados nordestinos.

A construção desse local, no imaginário do sertanejo, remete às décadas finais do século XIX, misturando-se às várias narrativas que iam florescendo nas suas experiências cotidianas, apresentando uma quantidade significativa de símbolos e marcando sensivelmente a estrutura religiosa e suas práticas.

De forma resumida a lenda revela que, num certo dia, no Município de Valença, em uma localidade chamada “Jatobá”, chegou um beato com a sua pregação habitual de fé e convenceu um vaqueiro a segui-lo até um morro próximo. Deu-lhe um cavador de madeira, mandou-lhe cavar a rocha bruta, mas o vaqueiro incrédulo somente ficou olhando e esperando o retorno do beato, que tinha descido o morro até um mato próximo, trazendo logo após uma cruz de 1,50m por 80cm, feita de “pau de chapada”, uma árvore muito comum e abundante na região. Ao chegar e perceber que o vaqueiro nada fizera, o “velho” traçou com o dedo um círculo na pedra, sacando com a mão a pedra do buraco,

onde colocou a cruz e disse ao vaqueiro que “...por aquele sinal, um dia aconteceriam maravilhas” (MENDES, s/d, p.6). Depois disso desceu o morro e, já próximo ao rio São Nicolau, mostrou-lhe uma nascente de água, desconhecida na região e disse “...por aquela água, até milagres ali haveria de acontecer” (MENDES, s/d, p.6).

Depois desse acontecimento, segundo a tradição oral, o vaqueiro teria voltado a seu cotidiano “normal”. Tempos depois, a sua filha adoeceriu e apesar de todas as rezas e remédios não mostrava sinais de cura. Lembrando da nascente d’água e conseqüentemente das advertências do beato, levou a criança para o local escolhido por aquele. Ao banhá-la e fazê-la beber da água aconteceu uma cura imediata, fazendo com que o acontecimento se espalhasse pelo sertão e, desde então, as romarias foram se formando no intuito de presenciarem os milagres acontecidos naquela região.

Observamos, ao fazermos uma análise sobre as versões da lenda, que essa possui algumas alterações em seu teor, porém o contexto simbólico que a compõe permanece, na sua grande maioria, ileso, ou seja, os personagens que constituem são sempre o beato e o vaqueiro, além dos entes naturais e sagrados como a cruz, a pedra bruta e o olho-d’água.

No texto “Manifestações Folclóricas” (1995, p. 357-358), as autoras Verônica Ribeiro e Maria Cecília Nunes narram a lenda da seguinte forma:

Conta-se que num certo dia de um ano que não se sabe mais qual, chega à Fazenda Jatobá um homem desconhecido. Sem dar qualquer explicação, chama o vaqueiro e vai com ele a um morro próximo dali. Os dois passam a construir uma capela de taipa, coberta de palha, e um cemitério[...] O desconhecido risca o chão e retira com as mãos o pedaço de pedra cortado. [...] desce até o sopé do morro e mostra um pequeno olho-d’água junto a uma palmeira de buriti [...] a notícia do fato correu o mundo. Foi o próprio Jesus Cristo que veio, pessoalmente, determinar o seu desígnio e escolheu aquele lugar, inóspito e árido, como para significar seu caráter penitencial e místico.

As duas versões da lenda (a primeira narração é feita pelo Padre David Mendes e a segunda, transcrita por Verônica Ribeiro e Maria Cecília Nunes)

diferenciam-se em alguns pontos quanto à identidade “divina” do homem desconhecido, mas é verificável que o conteúdo sagrado e os personagens continuam os mesmos.

A lenda se perde no tempo, e o documento mais antigo sobre a região foi encontrado no segundo Livro do Tombo da Paróquia de Valença. A data instituída neste marca o dia 20 de junho de 1888, com a nomeação do Sr. Joaquim Manoel Pereira de Sousa como Procurador da Capela de Santa Cruz dos Milagres, em terras da Fazenda Jatobá. Outros documentos oficiais sobre o Santuário remetem às reformas e construções da igreja. Em 1893 é construída uma capela em substituição a uma de palha que lá havia. Porém, em 1911 ocorre a reforma da capela transformando-a em igreja. Em 1929 é construída uma outra igreja ao lado da antiga que foi destruída, e os trabalhos de construção e reforma se estenderam até meados dos anos de 1942. Em 1969 é feita uma nova reforma com a reconstrução do altar-mor e do Santíssimo, além da construção da torre, ficando totalmente pronta somente em 1983.

Essas informações acerca dos vários processos de construção, reforma e até de demolição indicam, a princípio, a importância que esse movimento religioso passou a adquirir enquanto manifestação da fé ou da crença no sagrado, favorecendo a cada período um aumento significativo da quantidade deromeiros, influenciando na construção de uma cartografia que extrapolava a cada período os seus contornos originais.

Podemos dizer que uma das formas que influenciaram essa mutação cartográfica foram (e são) as manifestações festivas, expressões visíveis dos momentos de ligação do sagrado com o profano, marcado no calendário por três grandes momentos: o primeiro refere-se aos festejos em setembro, durante a primeira quinzena; o segundo faz parte da cerimônia conhecida como “Encontro de Imagens” (santos trazidos das principais paróquias do Piauí), festejado no último domingo do mês de outubro; e o terceiro refere-se à comemoração da Invenção da Santa Cruz, realizada no mês de maio.

Símbolos e Simbologias de Santa Cruz dos Milagres

Uma das principais relações perceptíveis, em relação à lenda, é a que diz respeito ao espaço, esse é fundamental na concretização das manifestações religiosas existentes e um elo que permite manter aceso os laços que unem o sagrado e o profano. Enquanto função metafórica, o espaço realiza a concretude dos passos dos romeiros e territorializa um corpo de simbologias, acessando múltiplas interpretações, pois o simbolismo:

acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem por isso prejudicar seus valores próprios e imediatos [...] o pensamento simbólico faz ‘explodir’ a realidade imediata, mas sem diminuí-la ou desvalorizá-la, na perspectiva, o universo não é fechado, nenhum objeto é isolado em sua existencialidade, tudo permanece junto, através de um sistema precioso de correspondência e assimilações (ELIADE, 1996, p.178).

Nesse caso, perceber as relações intrínsecas ao fenômeno religioso e, principalmente, ao contexto de Santa Cruz dos Milagres passa em um primeiro momento pela necessidade de analisar algumas simbologias existentes nessa relação, tanto no que diz respeito às práticas religiosas, quanto àquelas referentes à geografia do “sagrado”.

Uma das principais simbologias existentes tanto na mítica-lendária, como na geografia do sagrado diz respeito à “cruz”. Ela é a principal referência para o santuário; é o marco mítico e fundador do espaço. É sobre sua sombra que se manifestam os sonhos, os pedidos e agradecimentos.

A cruz recupera a trajetória bíblica e encerra uma mediação com a figura de Cristo e, dessa forma, seu valor revela-se essencial para a vida dos santuários, pois é nesse espaço onde “o inalcançável e o possível, o visível e invisível se interpenetram numa trama urdida pela narrativa ficcional dos relatos orais e dos fragmentos escritos”(STEIL, 1996, p.23).

A veneração à cruz de madeira rústica resume a crença e a confiança em um ente superior, invocada para aliviar os mais diferentes males, tanto espirituais como materiais, externa um riquíssimo repertório simbólico, tornando-se por excelência

signo e significado que atrai e projeta experiências ricas e significativas àqueles que se aglomeram ao seu redor para pagar promessas, para rezar por graças alcançadas ou, em uma última consideração para que, num toque mágico, possam usufruir deste poder.

Essas experiências significativas do sagrado lançam, segundo Mircea Eliade (1996, p. 54), o homem para um tempo primordial, pois “retira o homem de seu próprio tempo individual, cronológico, histórico[...] e o projeta, pelo menos simbolicamente, no grande Tempo, num instante paradoxal que não pode ser medido por não ser constituído por uma duração”.

Nesse sentido, as pessoas são arrebatadas para um outro Tempo que se mostra único pela possibilidade de ligação com o religioso, com um ser superior, realizando nessa atmosfera sagrada uma ligação com as representações, essas se tornam importantes tanto no sentido de orientação, dentro de uma sociedade vigente, quanto uma possibilidade de comunicação (MOSCOVICI, 2003, p.21).

Essas representações, ao viabilizarem a integração do indivíduo com a idéia de espaço “superior” e sagrado, cristalizam e legitimam incessantemente as mais diversas manifestações religiosas, que ritualizadas passarão a fazer parte de um universo tangível e cotidiano para milhares de romeiros, que através de suas práticas reformulam e resistem às diversas tentativas de contenção e disciplinarização impostas pelas normas católicas.

Dessa forma, as várias manifestações com relação à “Santa Cruz”, como a adoração, a veneração, os pedidos, os agradecimentos, as exposições votivas através de ex-votos, preces, olhares detidos, lágrimas..., são exteriorizações que atuam em torno de uma cultura religiosa, pois abrange:

um sistema de símbolos que atuam para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatalidade que as disposições e motivações parecem singularmente realistas (GEERTZ, 1989, p. 67).

Assim, a cruz enquanto símbolo cumpre uma função poderosa, no sentido atribuído por Geertz, pois ajuda a estabelecer uma experiência unificadora que se revela de forma contínua e dialética, pois transforma simples objetos (como uma madeira) em uma potente realidade de transcendência, oportunizando uma ligação com o sagrado, fazendo circular por um código, o *todo*, num simples fragmento.

Mas, não somente a “cruz” é indicadora dessa experiência religiosa, a água existente na região em formato geográfico de “olho-d’água” espacializa os romeiros, pois constitui, juntamente com a cruz e a terra, eixos singulares e arquétipos de uma projeção celestial, projeção essa definidora da “cidade sagrada”, pois esse protótipo extraterreno, como designa Eliade (1992, p. 22-23), transforma-se em modelo mágico-religioso capaz de transformar o caos em Cosmo.

A cruz, ao unir céu e terra, institui sobre o espaço um conjunto harmonioso, transferindo aos outros fenômenos naturais, como a água, uma experiência religiosa e mítica, potencializando ações que regem as práticas dos romeiros como o banho, a imersão do batismo, pagamento de promessas, ou mesmo quando a ingerem confiantes na cura de doenças ou ainda quando a levam como “amuleto” em sinal de um batismo secreto, defendendo-os nos dias que não estiverem sobre a “proteção” do espaço sagrado.

O simbolismo aquático, apontado por Eliade (1993, p. 153-154), é importante pois:

a imersão na água simboliza o regresso ao pré-formal, a regeneração total, um novo nascimento, porque uma imersão equivale a uma dissolução das formas, a uma reitengração no modo indiferenciado da preexistência; e a emersão das águas repete o gosto cosmogônico da manifestação formal. O contato com a água implica sempre a regeneração: por um lado a dissolução se segue um novo nascimento; por outro, porque a imersão fertiliza e aumenta o potencial de vida e de criação.

Buscamos o entendimento dessas relações religiosas enquanto um conjunto de códigos simbólicos é perceber que as práticas sociais só podem ser entendidas enquanto manifestações culturais, pois abarcam uma infinitesimal rede de estratégias e práticas

realizadas pelos sujeitos que, por sua vez, se tornam produtores e receptores de cultura.

Indicarmos essas simbologias como uma rede que é compartilhada pelos vários atores sociais não significa entendê-las apenas sob a conotação de enredos presumíveis. Isso acontece exatamente pela relação dinâmica entre espaço e sujeitos, onde esses a todo o momento formulam e reformulam seu viver “mágico-religioso”.

A opção pela interpretação do simbólico, ao invés de limitar as explicações, busca contribuir para uma leitura metafórica do religioso e suas redes de significados, tentando perceber como os diferentes sujeitos realizam esse processo de decodificação, mas que também permite transgressões e escapatórias, essas podem ser percebidas mais detidamente naquilo que é conhecido como “profano”.

Isso significa que entender as conotações implícitas em torno das simbologias como a cruz, a terra, a água e ainda a escadaria, ao invés de empobrecer a abordagem, faz parte da consciência de que “os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos sistemas [...] pois divorciá-la das suas aplicações é torná-la vazia” (CHARTIER, 1989, p.13).

Entre o Santuário, onde fica a Cruz, e a cidade, onde fica a Fonte, temos a escadaria, um espaço de ligação entre o mundo sagrado (representado pelo Santuário) e o profano (representado pela cidade). A escadaria é um símbolo marcante dentro do imaginário humano, segundo Eliade, devido a sua existência mítica em várias culturas, pois essa alegoria foi sendo utilizada para distinguir imagetivamente o bem do mal, a felicidade da infelicidade, a santidade do profano, pois a visão de utilização da escada é sempre de baixo para cima, ou seja, do ruim para o melhor.

A escadaria verticaliza duas ações opostas, pois ao tempo em que concretiza o espaço profano, invertendo o sentido religioso e de penitência, permitindo a externalização do comércio onde tudo se encontra, desde a venda de imagens e produtos sacros até o mais simples utensílio doméstico, além de verduras e legumes, representa também de forma simbólica:

ARTIGO

O que podemos observar, desde já, é a virtude consagrada da “altura”. As regiões superiores estão saturadas de forças sagradas. Tudo quanto está mais próximo do Céu participa, com intensidade variável, da transcendência. A “altura”, o “superior”, são assimilados ao transcendente, ao sobre-humano. Toda “ascensão” é uma ruptura de nível, uma passagem para o Além, uma ultrapassagem do espaço profano e da condição humana (ELIADE, 1993, 92).

Assim, ao formularmos de maneira resumida alguns vieses de pensamento sobre o religioso em Santa Cruz dos Milagres, queremos também, no próximo ponto de análise, indicar a problemática que envolve a experiência mítico-religiosa das romarias e seu sentido e função para aqueles que significam seus passos em comunhão com esse conjunto de signos que envolvem o espaço religioso.

Romaria e Cidade: a construção simbólica dos espaços

A cidade de Santa Cruz dos Milagres, e a idéia de santuário que a envolve, é um excelente exemplo para compreendermos de que forma esse espaço tornou-se um atrativo para milhares de pessoas, confirmando pressupostos de que a cidade é, acima de tudo, uma força atrativa, como abordou Rolnik (1995). Dessa forma a idéia de cidade e a de sagrado atuam feitos “um campo magnético que atrai, reúne e concentra os homens” (ROLNIK, 1995, p.12).

Esse sentido de atração que envolve os santuários parte de uma idéia que norteia esse artigo – a convicção da cidade enquanto ente simbólico capaz de expressar estratificações de sentidos, pontuado pela fragmentação e trajetórias que alteram a noção de espaço, fazendo com que as ações diárias se tornem sempre indefinidamente outra.

A romaria, nesse sentido, teatraliza a cidade, porque é sob sua jurisdição que os passos elaboram operações do caminhar, pois:

os movimentos pedestres formam um desses ‘sistemas reais cuja a existência de fato constrói a cidade’[...] A atividade dos passantes transforma-se em pontos que traçam uma linha totalizante e reversível no mapa[...] Essas fixações constituem procedimentos para o esquecimento. O traço que deixou para trás é substituído pela prática (BARRETO, 1989, p. 28-29).

Os passos dos romeiros inventam e reinventam a cidade, criando um mapa de pontos que designam significados simbólicos, articulando uma geografia de errância que multiplicada favorece:

uma experiência esfarelada em deportações inumeráveis e ínfias (deslocamentos e caminhadas), compensadas pelas relações e os cruzamentos desses êxodos que se entrelaçam, criando um tecido urbano, e posta sob o signo do que deveria ser, enfim, o lugar, mas é apenas um nome, a cidade (CERTEAU, 1994, p.183).

Esse entrelaçamento de passos realizado sob a cidade articula uma multiplicidade de “consumos,” pois os símbolos constituem possibilidades que ao se juntarem às práticas errantes e religiosas explodem em uma contextualização rica de significados.

Sabemos que a romaria ou peregrinação é uma prática da maioria das religiões, sendo um costume que remonta aos mais antigos tempos, introduzida no Brasil pelos portugueses. É um ato de devoção, com caráter penitencial, em que romeiros pagam promessas com doações, esforços físicos e entrega de ex-votos, em cerimônias litúrgicas.

A romaria pode ser individual, em dupla ou em grupo, a pé, a cavalo, de charrete, moto, carro, caminhão ou ônibus fretado. Os romeiros viajam muitos quilômetros, com a finalidade de chegar aos locais onde a Igreja Católica, em suas capelas ou basílicas, igrejas ou matrizes, veneram santos e símbolos religiosos. Depois de pagar sua promessa por uma graça alcançada, o romeiro retribuía a sua graça com velas, orações, ex-votos ou espórtulas (presente).

Essas peculiaridades referem-se também ao contexto do santuário de Santa Cruz dos Milagres e nos apontam que o lugar é, acima de tudo, uma criação religiosa e sagrada, pois “leva as pessoas a seres e poderes celestiais ou, retirando-as por um momento do lugar onde estão, fá-los por um instante conviverem com os homens sua experiência de nômades, dentro ou fora da festa” (BRANDÃO, 1989, p.40).

A romaria praticada pelo catolicismo tradicional tem como ponto fundamental a sacralização de

locais específicos da cultura religiosa. Isso acontece, pois “os locais de culto são sagrados e especialmente devotados e protegidos por padroeiros quando certos lugares sagrados são únicos ou particularmente dotados de poder religioso” (BRANDÃO, 1989, p. 37).

Nesse sentido, realçamos que a romaria, ao tempo em que faz circular uma rede simbólica com ritos e celebrações, contribui para uma dinâmica cultural, pois os passos ritualizados pelos romeiros apresentam uma dupla função: significam e enriquecem as práticas sociais e reatualizam a presença do sagrado, afirmando a posição de destaque que passou a desempenhar as cidades-santuários, dentro do contexto nacional, marcado pela acirrada divisão social, fazendo assim com que as preces, romarias e promessas tornem-se uma alternativa benéfica frente aos flagelos sociais.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cultura na rua**. 2. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
- _____. A partilha do tempo. In: SANCHIS, Pierre (Org.) **Catolicismo: cotidiano e movimentos**. Rio de Janeiro:Edições Loyola, 1992.
- _____. Andando na cidade. HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.) **Revista Cidade**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 95-114, 1994.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: arte de fazer**. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- _____. **Mito do eterno retorno**. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- _____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- FREIXINHO, Nilton. **O sertão arcaico do Nordeste do Brasil: uma releitura**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- MENDES, David. **Santuário de Santa Cruz dos Milagres: um pouco de sua história**. [S. l.: s. n., 19--].
- ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- SANTANA, R. N. Monteiro de. (Org.) **Piauí: formação, desenvolvimento e perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.
- STEIL, Carlos Alberto. **O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.